

# SUPLEMENTO CULTURAL

Sob a responsabilidade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Coordenação: Geraldo Ramon Pereira - Contato: (67) 3382-1395, das 13h às 17h | www.acletrasms.org.br

## Nascimento de Jesus e algumas reflexões natalinas

**GERALDO RAMON PEREIRA** - *Cadeira nº 39 da ASL, coordenador deste Suplemento*

A sofrida viagem, em lombo de burro, de Nazaré até Belém; Maria grávida, já no último mês; José pobre, inexperiente e sem recursos; o parto num estábulo, o berço uma manjedoura - todos esses fatos mostram sobejamente o projeto de Deus-pai para com o destino do filho Salvador dos homens: nasceria humildemente, nas mãos da parteira Zalomi, ao lado de uma fogueira e à luz de uma candeia; e não à lâmina do bisturi de um médico, sob o foco de um holofote, como soeria acontecer hoje, em meio à parafernália moderna.

Jesus, se seu Pai do Céu assim o quisesse, poderia, àquele tempo, ter sido concebido e nascido num palácio de Roma, filho de famosa princesa, numa cama de plumas e pedras preciosas, ser banhado em bacia de prata, depois dormir em berço de ouro. Entretanto, quis o seu Criador, desde o princípio, que a sina do Messias, enquanto homem-Deus, se moldasse, estruturasse e fosse o exemplo de que - por mais paradoxal que pareça - a felicidade está na simpleza, o valor está na essência das coisas menores, a riqueza habita os recônditos intangíveis dos bens imateriais...

Daí, aquela noite inesquecível, em que anjos revoavam sobre pastores e vaga-lumes, uma estrela misteriosa a guiar os três reis magos para onde a virgem Maria, risonha e feliz, acnhegava e amamentava ao colo, ainda suado, o filho recém-nascido; José, o pai-homem, sorria e orava grato ao pai-Deus, pela ventura, naquele instante, comum a ambos... Todos numa simples estrebaria, entre animais tranqui-



BBADGER/FREEIMAGES

“O parto num estábulo, o berço uma manjedoura... esses fatos mostram o projeto de Deus-pai para com o destino do filho Salvador dos homens”

los, que os velavam, nos arrabaldes de Belém.

O nascimento do Deus-menino ainda continua sendo, teórica e tradicionalmente, comemorado pelos cristãos: é o sagrado e sonhado dia de Natal! E aqui vem o questionamen-

to: Homens e mulheres de hoje, na sua grande maioria, acalantarão condições morais e sociais para festejar sinceramente o aniversário do seu Salvador? Será que Cristo vê com bons olhos os “bem-sucedidos” a se fartarem com suculentas ceias, enquanto semelhantes seus, marginalizados e esquecidos, morrem de fome e inanição pelo Continente Africano, Índia, América e outros confins da miséria? É justo que, enquanto uns esbanjam empáfia e poder, conforto e saúde, outros pereçam em sarjetas e “bocas de fumo”, ou agonizem em corredores de hospitais públicos, “miseros escravos, sem ar, sem luz, sem razão”?

Em vez de “estrelas” para guiarem “reis magos” que levassem alimentos e alentos para populações carentes, as grandes potências dispararam bombas e mísseis que conduzem à destruição e ao dramático empobrecimento dos povos, em prol da soberania de alguns; ao invés de anjos vovojantes, anunciando e festejando o nascimento de um Salvador, caças e bombardeiros grassam num céu nebuloso de destruição e horror... É o homem hodiernamente endoidecido, competitivo, egoísta, tentando disfarçar sua ingloria postura - ao longo de mais um ano que se finda - com dissimulada e incoerente comemoração natalina.

Pois esta, ordinariamente, se resume - excluando-se os rituais em templos, igrejas e alguns lares cristãos - à gastronomia e bebedeira, ao prazer egocêntrico de extravagantes noitadas, não raro envenenadas com drogas e sexo animal, além do consumismo desmedido e inconsequente, em que lucram entidades comerciais (méritos da profissão!), mas sai perdendo quem deveria ser o ente mais lembrado, laureado e louvado da noite: Jesus.

## “O Peru de Natal”

**AUGUSTO CÉSAR PROENÇA** - *Cadeira nº 28 da ASL*

Mário de Andrade, com sua consciência artística exigente, primava pelo artesanato literário e fazia infinitas versões de um mesmo texto, até que ficava satisfeito com ele e o mandava para a publicação. “O Peru de Natal”, por exemplo, foi iniciado em 1938, retocado muitas vezes e publicado só em 1942. É um conto dos mais bem estruturados da Literatura brasileira. O autor descreve uma ceia de Natal bem ao gosto burguês, tendo como principal protagonista um robusto peru recheado com duas farofas, a gorda com miúdos e a seca, aquela bem torradinha, com manteiga.

O narrador é o filho, rapaz de 19 anos, irreverente, tido como o doido da família, que tem a ideia de fazer uma ceia para quebrar o luto fechado que ainda persistia na casa e afastar a lembrança dolorosa do pai, morto há cinco meses. E anuncia: “Neste Natal quero comer peru!”. Indignada e espantada com a ideia do rapaz, a tia solteirona, a que morava com eles, advertiu que não podiam convidar ninguém por causa do luto. Você está maluco menino, se esqueceu que estamos de luto? Mas quem falou em convidar ninguém, respondeu o sobrinho, a ceia vai ser só pra nós daqui da casa, pô. Quero comer peru e pronto, tá acabada a história!

O peru estava de tal forma presente na cabeça daquele filho doido, que ele até seria capaz de comer pouco, só para que todos os outros

comessem muito. E é bom dizer que naquela casa não se comia peru há muito tempo por questão de severa economia. O pai trazia a família sob um rígido controle. Nunca uma viagem de lazer, jamais uma aquisição de geladeira nova, nem pensar em tomar um bom vinho e em ter o prazer de ver um peru recheado na mesa. As ceias eram tristes, pobres, cansativas, empanturradas de bocejões que se repetiam entre abraços de confraternização chochos e inossos. O pai estragava o Natal. E foi pensando nisso que o filho fincou o pé e exigiu: Eu quero porque quero comer um peru neste Natal!

Então, para fazer o gosto do filho doido, compraram o peru, o vinho, as frutas, as nozes, as ameixas, compraram tudo para incrementar uma ceia divina e digna de uma festa de Deus. A mãe sentou-se na cabeceira da mesa muito séria e, mesmo antes da primeira garfada, olhou o peru, se lembrou do marido, baixou a cabeça e caiu num berreiro de fazer dó. A tia, por sua vez, que não podia ver ninguém chorar, puxou o lenço e abriu as torneirinhas. Os irmãos menores também choraram e só ele, o filho, o doidinho, o primogênito, manteve-se firme, esforçando-se apenas em sorrir, imaginando que a alegria seria impossível naquela família que via peru e chorava. Sim, era ele, era a lembrança dele, do pai, que novamente vinha estragar o Natal!

Depois da choradeira houve um silêncio suspiroso na sala. Enxugando as lágrimas ainda se lembraram do pai, falaram algumas vezes dele, coitado, mas aquele peru gordo, de pele tostada, enfeitado com rodela de abacaxi espe-

tadas de cravos estava cheiroso demais. Uma delícia devia estar a carinha branca, macia, a farofinha úmida com miúdos, as ameixas, o vinho, as nozes... E o peru foi vencendo o pai e se tornando a figura mais importante da noite. Despertou a fome em todos, a alegria, as gargalhadas... E a lembrança do velho ranzinza, que costumava estragar as festas de Natal com a sua sovinice, foi diminuindo até que ficou esquecida ou, segundo Mário de Andrade, “virou estrelinha brilhante do céu”. E neste Natal, mais um da minha existência, vou saudar esta ave que há séculos faz parte do espírito natalino e das festas de comemorações. Te-rei saudade do tempo em que não existiam supermercados e ele, o peru, tinha que tomar um porre forçado da véspera e aguentar a gozação da gurizada, que morria de tanto rir do seu andar capenga, da sua crista vermelha, enrugada, pendida de lado, daquele glu-glu de bêbado antes de ser decapitado num canto de galinheiro que não existe mais.

Em torno de um peru recheado elevarei a consciência ao Criador. Pedirei forças para enfrentar este tempo de sem-vergonhice declarada, pedirei perdão às crianças pelo desamor de um mundo de violência, consumista e desumano que estamos legando a elas. Rezarei pelas famílias, pelos pecados de todos nós omisso e egoístas, pela Paz entre irmãos, por um raio de luz divina. Soltarei as emoções, os sentimentos, todos os pensamentos positivos para que cada um de nós seja um guardião da Ética, um pastor da Natureza e um bravo soldado da Esperança.

## PREITO DE GRATIDÃO DA ASL

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras deseja manifestar - neste final de 2022 - todo seu sentimento de gratidão à pessoa do saudoso acadêmico e jornalista Prof. J. Barbosa Rodrigues, que incluiu gentilmente em seu jornal **Correio do Estado** esta página “Suplemento Cultural”, já com cinco décadas de publicação ininterrupta, cujo objetivo - a divulgação das produções culturais dos membros da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e Notícias/expedientes da ASL - vem sendo preservado religiosamente por seus familiares. Que tenhamos um Ano Novo repleto de sucesso e realizações!

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL) - A Diretoria

## +POESIAS

### Famintas indagações

ou: “A Outra Face do Natal/Noel”

Papai, quem é aquele ser rotundo  
que exulta, enquanto aqui a gente chora?...  
Quem é a criatura que, lá fora,  
não para de sorrir um só segundo?  
Por que aquele cara, mundo afora,  
Faz mil poses e abraça todo mundo?...  
Trará aquele riso o sol fecundo  
que vem fertilizar a nova aurora?  
E como esse velhusco folgazão  
consegue conceber a inspiração  
que o faz viver o sonho que se esvai?...  
Quem é aquele ser, qual seu papel?  
Quem é, enfim, quem é o tal noel  
que sempre nos natalis se diz papai?

**RUBENIO MARCELO**

### Jesus a caminho do Calvário

Sobre teu ombro ferido  
Depositaram a trave da cruz,  
E como doeu  
Aquele chaga em teu ombro;  
As costas, a coluna,  
O pulmão engaiolado nas costelas,  
Tudo te doía,  
Que peso massacrou teu dorso débil!  
Por três vezes caíste  
A caminho do monte Calvário,  
Fui Simão de Cirene,  
Aquele que carregou a cruz para ti  
E te consolou,  
Fui uma daquelas mulheres que batiam o peito  
E te lamentavam.  
Estou contigo. Senhor,  
Compartilho de teu martírio  
E tu compartilhas do meu.

**RAQUEL NAVEIRA**

### Conhecer-se

Conheço-me tanto, que passo da perfeição.  
Conheço-me na rosa, nunca mal-me-quer.  
Conheço-me no manto do altar,  
Nunca na hipocrisia.  
Conheço-me festiva, jamais nuvem escura  
Conheço-me exata, não excêntrica.  
Conheço-me na opulência, não na avareza.  
Conheço-me sombria, nunca um furacão.  
Conheço-me pródiga, desconheço o ego.  
Conheço-me em astros siderais,  
Nunca cinza de um vulcão.  
Conheço-me tanto!...  
Que me pergunto... Quem sou?!...

**ELIZABETH FONSECA**

### Nossa vida, nosso livro

Cada vida  
É um romance diferente...  
Dele nada se pode apagar  
E nenhuma folha arrancar!...  
- “O que escrevi fica escrito!”  
Obra literária de Pilatos  
Exposta no alto de uma cruz  
Quando era escrita  
A maior página da História  
Por Jesus...

**OLIVA ENCISO**

### Haicais

Amar o Próximo  
sempre foi a ordem do Mestre.  
Por que não a seguimos?

Amar uns aos outros  
foi ordem do meigo Jesus  
ao amigos seus.

**J. BARBOSA RODRIGUES**

## Moço tropeiro

**HELIO SEREJO (1912-2007)** - *pertenceu à ASL*

Sob a chuva ou o sol, você vence as distâncias tangendo a troupilha crioula. Parte quase sempre com o coração pulando de esperança, e volta, não raramente, com o véu da desilusão estampado na face escura, tostada pelo sol inclemente.

Você, moço tropeiro, é forte como cerne de aroeira! Sua vida é um rosário de sacrifícios. Quando o vento gelado do inverno retalha a sua carne moça, você se envolve todo, no poncho de flecos trançados, enterra o “aba larga” na cabeça e avança para frente, sem dar demonstração de fraqueza.

Você sabe muito bem que um tropeiro moço, guapo, destorcido, não pode ficar “pichado”, com um friozinho à toa que nem sequer tem força para queimar o barão verde do porongo. No pouso você arma a sua rede, na árvore ao lado, e, insone, enquanto leva o pensamento até aquela choupana, onde vive a

cabocla dos seus sonhos, você vai contando as estrelas maiores que piscam na concha do céu como se fossem brilhantes fagulhas estralidando no braseiro de Deus Nosso Senhor.

Você, moço tropeiro de minha terra, luta assim, infatigável, de sol a sol, porque sabe que um dia, com o laço forte da esperança, armado, com as rodilhas da fé, você poderá pialar o destino caprichoso. Aí, então, você terá o seu rancho oculto no desvão da mata, à beira da nascente e dentro do qual brilharão, como faróis benditos, aqueles mesmos olhos negros que tantas vezes fizeram velhar o seu coração inquieto.

Você anda pelo sertão bravio como uma alma penada, derramando o suor do seu rosto, nessa luta dura e ingrata, em busca de melhores dias. E esses dias virão, porque, dentro de seu peito, o monjolo da fibra está socando, silenciosamente, o milho da constância!